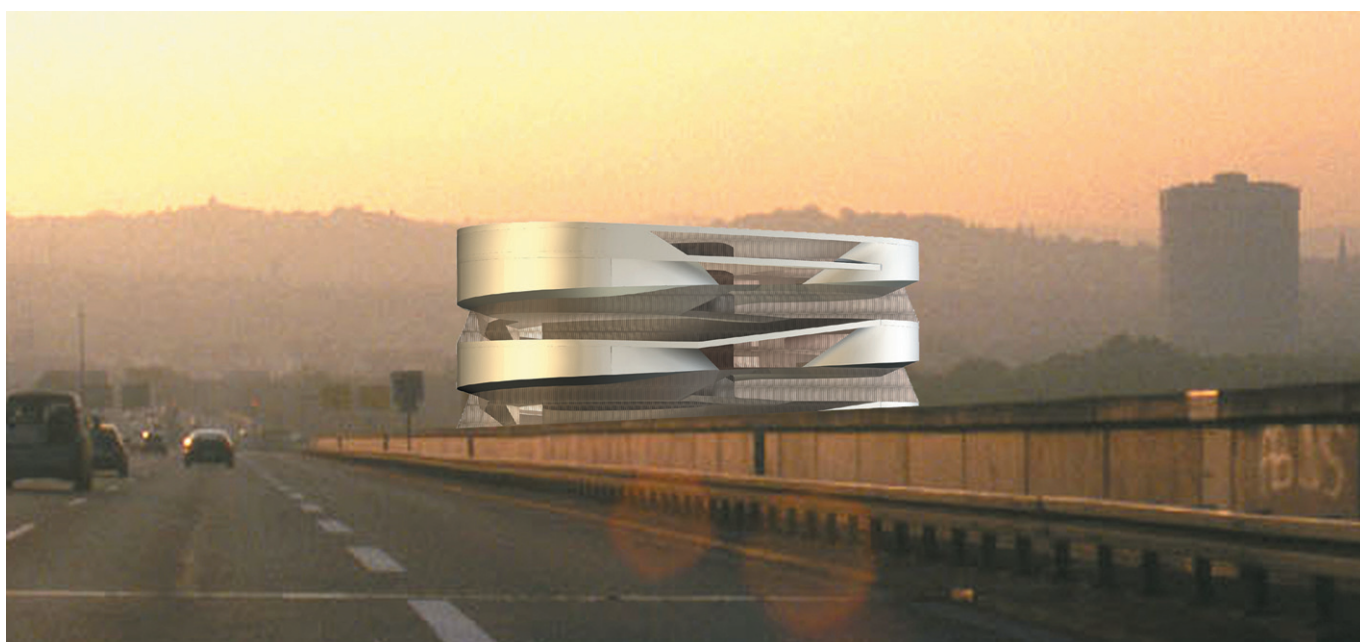


## Ciclo de conversas em torno da exposição *Museus do Século XXI*



UJN Studio, Ben van Berke / Caroline Bos. Museus Mercedes-Benz, Estugarda, Alemanha, 2002-2006

O que é um museu dos (e nos) dias de hoje? Passaram mais de dois séculos sobre a abertura dos museus como forma de disponibilizar os tesouros patrimoniais ao povo. Ultrapassada está também a ideia de museu como espaço de confinamento (Foucault) e legitimação dos objectos. Aquilo que amenizou a crítica à deificação deste espaço trouxe também a “nostalgia da universalidade da arte” (Michaud) e abriu espaço para a sua adaptação em “hipermercado da Cultura” (Baudrillard).

Da negação à apologia, os artistas estabelecem hoje uma ligação consciente e voluntária, são alvo de encomendas e criam objectos especificamente para o espaço museal. Mas é o museu um espaço expositivo neutro?

O museu tornou-se também mais próximo do visitante, conceberam-se na própria estrutura arquitectónica espaços para

alimentação, compras ou investigação. Será a experiência do objecto o principal motivo da visita?

Considerada um dos maiores desafios arquitectónicos, a concepção de um museu pode invocar o espaço envolvente, estar condicionada a um edifício pré-existente ou constituir oportunidade para a criação de espaços alternativos e surpreendentes merecedores de maior atenção por parte dos públicos do que o próprio conteúdo acolhido. Pode o conceito arquitectónico sobrepor-se à funcionalidade do museu?

Qual a função dos museus na actualidade? Como olhamos para eles? Como os utilizamos?

Neste ciclo, esperamos pensar estas e outras questões, na companhia de arquitectos, comissários, jornalistas, críticos e outros frequentadores de museus.

**Qui 31 de Janeiro · 18h30**

**Pequeno Auditório**

**O museu visto por quem o usa**

Anísio Franco, Ana Gonçalves, Sara Barriga (moderadora)

**Anísio Franco**

Conservador do Museu Nacional de Arte Antiga. Licenciado e Mestrado em História da Arte. Comissário de várias exposições em Portugal e no estrangeiro. Colaborador do Centro Nacional de Cultura e redactor da revista *L+Arte*. Tem concebido e apresentado vários programas de televisão.

Passado e infância ligado aos Museus. A formação académica e a História da Arte. Primeiros tempos de relacionamento profissional com os Museus. Entrada no Museu Nacional de Arte Antiga e o programa de inventário. A ligação aos Media.

**QUINTAS-FEIRAS · 3, 17, 24 E 31 DE JANEIRO 2008 PEQUENO AUDITÓRIO E SALA 2 · 18h30**

Os pilares da museologia: conservação, estudo e divulgação. Direcções para o Futuro.

Anísio Franco

Ana Gonçalves

Nascida em 1976. Licenciada em Pintura e pós-graduada em Estudos Curatoriais pela Faculdade de Belas-Artes de Lisboa. Foi Assistente Convidada na mesma instituição, onde leccionou a disciplina de Forma Visual entre 2003 e 2006, e também no Instituto Universitário Dom Afonso III em Loulé, onde foi co-responsável pelo Seminário «O Corpo na Dança e nas Artes Visuais». Colabora desde 1999 com o Sector de Educação e Animação Artística do Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão e desde 2006 com o Serviço Educativo da Culturgest, concebendo e orientando actividades diversas, tais como visitas guiadas, *ateliers* para crianças, jovens e seniores e cursos de formação para adultos na área dos Estudos Visuais. É monitora de Pintura no Nextart e tem participado individualmente e em grupo em diversos projectos e exposições, institucionais e independentes.

Os Museus são, por natureza, lugares de conhecimento, através do encontro entre obras e observadores, num espaço habitado momentaneamente por ambos. O potencial destes encontros é de tal ordem que, actualmente, a maioria dos Serviços Educativos trabalha sobretudo para que a vinda ao Museu se transforme num «momento memorável», algo a «levar para casa» (*sic*). Durante a visita a uma exposição de arte contemporânea, as referências de cada um são por vezes postas à prova, entre sensações de agrado, desagrado e espanto, pelo que a exposição constitui um meio privilegiado para se ganhar e ampliar a «consciência de si». Só assim ocorre o verdadeiro conhecimento: em negociação permanente com o desconhecido. Nesta conversa, falarei ao público presente da minha experiência com diferentes tipos de visitantes de Museus de Arte Moderna e Contemporânea, desde os de mais tenra idade até aos jovens de outros tempos,

procurando partilhar um pouco daquilo que é, para mim, a atitude do «mediador».

Ana Gonçalves

Sara Barriga

Nascida em 1974. Licenciada em Artes Plásticas/Escultura (Lisboa) e em Artes Visuais (Bruxelas), pós-graduada em Museologia e Património (Lisboa). Fez investigação no âmbito da Educação e Experiência Museal em vários Museus de Arte Moderna e Contemporânea. Concebeu e realizou projectos educativos para o Centro de Exposições do Centro Cultural de Belém, Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian e outros equipamentos culturais (museus, teatros, bibliotecas). Foi consultora do Teatro Viriato, colaboradora do Ministério da Educação no Departamento do Ensino Artístico Especializado.

Foi docente no ensino público, básico e secundário. É formadora nas áreas da Gestão e Educação Museal, Criatividade e Expressão Plástica. É autora de publicações no âmbito de Serviço Educativo, Educação Visual e suportes didácticos de abordagem a projectos artísticos.

Actualmente coordena o Serviço Educativo da exposição *Arte e Cultura do Império Russo nas Coleções do Hermitage*, na Galeria D. Luís I, Instituto de Museus e Conservação.

Decorrente de novos paradigmas museológicos, da própria política e indústria cultural observou-se nas últimas décadas o crescente interesse pelos públicos (reais, potenciais e não-públicos), especificamente no que se refere aos comportamentos, motivações, expectativas, necessidades ou conhecimentos, e em particular, pelo fenómeno da *Experiência Museal*.

A atenção dada aos aspectos que informam a visão crítica dos visitantes sobre a instituição e sobre a vivência adquirida, pretende sobretudo distinguir factores que constituem focos de atracção, daqueles que são entendidos como verdadeiras barreiras a um acesso democrático. Actualmente, ao design expositivo, aplicam-se conteúdos relacionados com o nível de satisfação do

consumidor (*visitor friendly*, acessibilidade, conforto, imersão, mediação). Em paralelo, embora menos comum, emerge a figura do «provedor do visitante», que vem dar voz e defender os seus interesses com o objectivo de fomentar relações duradouras e sustentáveis.

Importa pois debater sobre os resultados das novas fórmulas de relação evento/público, aferir a eficácia dos compromissos estabelecidos ou, por outro lado, reconhecer o que atrai os visitantes ao museu: se a «espectacular concha arquitectónica», a fruição da obra de arte, o encontro social, os serviços oferecidos, o estatuto ganho ou a vivência no seu todo. Finalmente, também perceber o que leva o visitante consigo desta experiência cultural.

Sara Barriga

QUINTAS-FEIRAS · 3, 17, 24 E 31 DE JANEIRO 2008 PEQUENO AUDITÓRIO E SALA 2 · 18h30